

Brady apóia Brasil no Clube de Paris

Secretário do Tesouro americano pede negociação múltipla da dívida brasileira

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O Departamento do Tesouro americano fez uma gestão junto ao Clube de Paris para que as negociações da dívida oficial do Brasil sejam conduzidas paralelamente aos entendimentos sobre a dívida de médio prazo com os bancos comerciais e o acordo de estabilização econômica com o Fundo Monetário Internacional. Normalmente, as conversas com o Clube de Paris só começam depois que as negociações com o FMI já estão completadas.

A iniciativa americana foi tomada depois do encontro da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, com o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, na segunda-feira. Ela não assegura, necessariamente, que o Clube de Paris abrirá logo os

entendimentos com o governo Collor, pois seria difícil fazê-lo antes de acertar com o Fundo e os bancos o tamanho do buraco que precisa ser financiado. Mesmo que isso aconteça, um acordo só será concluído depois da aprovação do programa econômico pelo Fundo. Mas o gesto ilustra o desanuviamento da atmosfera carregada que dominou as relações entre a equipe econômica brasileira e o Tesouro americano nos últimos meses.

A gestão do Tesouro é significativa também porque partiu do subsecretário para Assuntos Internacionais, David Mulford, que vinha, desde setembro, comandando as pressões das potências industrializadas para forçar o governo Collor a negociar os juros atrasados com os bancos credores. No final do mês passado, Washington chegou a bloquear um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento para o Brasil, exigindo o fechamento do acordo dos atrasados.

O episódio provocou uma dura resposta brasileira durante a reu-

nião anual do BID em Nagoya, três semanas atrás, e deixou um enorme ressentimento contra Mulford em Brasília. Segundo uma nota publicada dias depois na coluna **Galeria**, do **Estado**, o presidente Fernando Collor disse a amigos que considerava Mulford o inimigo público número um do Brasil. O conteúdo da nota circulou no Tesouro americano.

Um mestre na arte de bater e assoprar, ao falar com Trichet, Mulford certamente pretendeu dar a Zélia uma demonstração de que nada tem contra o Brasil, como afirmou publicamente durante a reunião do BID em Nagoya. Mais importante do que isso, contudo, é o sentido político da iniciativa, que é o de tomar o governo brasileiro pela palavra e reforçar seu compromisso com o esquema de negociação convencional, o único aceitável pelos EUA e os demais credores oficiais e privados para normalizar as relações financeiras com o Brasil.

As previsões recentes da ministra e de outros membros da equipe econômica sobre as dificuldades de uma negociação com o Fundo tinham criado dúvidas em Washington sobre a disposição do governo de chegar a um acordo com a instituição. Essas dúvidas parecem ter sido removidas numa reunião que o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, teve com Mulford, no domingo, e, depois, na conversa de Zélia com Brady. A mudança de atitude exibida pelas autoridades brasileiras em relação às negociações foi total, comentou um funcionário americano.

Comparando o encontro dos dois ministros na segunda-feira com o que eles tiveram em Brasília, em dezembro, durante a visita do presidente George Bush, Mulford disse ao **Estado** que a conversa de dois dias atrás havia sido mais positiva, no sentido de que agora o governo tem um plano claro sobre para onde quer ir nas negociações.

Os EUA são o maior credor da dívida externa brasileira. Desde meados de 1989, quando o governo Sarney iniciou a segunda moratória da dívida aos bancos, o Brasil vem pagando apenas uma parte dos compromissos aos credores e já acumulou mais de US\$ 3 bilhões em atrasados.



AFP

Zélia: relação mais tranquila com o Departamento do Tesouro norte-americano